



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

Espelhos digitais e interfaces. Uma reflexão sobre visibilidade¹

Wilmar Gomes de Souza ²

Resumo expandido

Reflexos existem para autenticar uma presença. Mas uma presença que surge como imagem já que ela existe para substituir uma ausência. É sobre reflexos e simulações que versa este texto. Seu principal objetivo é analisar um processo de dissuasão do real que se constitui sobretudo com o advento das interfaces digitais que se tornaram as principais agenciadoras deste novo ordenamento de mundo, simulado e sintético. Diante disso, uma pergunta emerge como um problema que se planeja discutir. O ser humano estaria refém das interfaces digitais que, ao desdobrarem o real, refletem uma realidade simulada? E ainda, em um mundo que não responde mais à imagem original, pois se tornou um mundo codificado, qual o verdadeiro papel das interfaces enquanto modeladoras das aparências e interlocutores das dimensões, física e virtual?

É notório que o advento dos novos mecanismos de comunicação venha produzindo profundas mudanças na forma como o ser humano vê e interage com o mundo à sua volta. Mas é notório também que este movimento permite que novas mediações sejam constituídas. Uma das consequências mais evidentes deste processo é a alteração na percepção que o ser humano passou a ter em relação aos intervalos de tempo e espaço, que antes organizavam a natureza

¹ Trabalho apresentado no GT3 Representação corporal, saúde e sofrimento no ciberespaço, do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

² Wilmar Gomes de Souza, Centro Universitário Senac – wigoart@gmail.com



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

das coisas. Um processo que emerge como desdobramento, sendo potencializado na crescente presença das tecnologias de comunicação no cotidiano dos seres humanos. No entanto, algumas questões surgem como fruto deste novo status quo. Seriam as interfaces digitais as novas mediadoras sociais dos seres humanos? E se, ao refletirem uma realidade de forma sintética e simulada, estariam elas se colocando como sincronizadoras sociais neste novo ordenamento de mundo? E ainda, estaria o ser humano sujeito a uma nova interlocução com a natureza que o cerca? Essas são algumas questões que assumem o centro da discussão que se planeja encaminhar neste texto. As consequências resultantes da relação instaurada entre os seres humanos e as interfaces digitais que, ao refletirem a virtualização da vida, fomentam a crescente necessidade de visualização, são especialmente importantes para se possa compreender a crise de visibilidade produzida e alimentada desde então.

A partir desta perspectiva, buscou-se compreender, com base nos problemas aqui apontados, qual seria o verdadeiro papel das interfaces digitais que, ao atuarem como modeladoras das aparências, oferecem outra forma do ser humano se relacionar com o mundo que o cerca. Já que, por intermédio delas, os ambientes, as pessoas e as coisas, no plano físico e virtual, se inter-relacionam.

Assim, é legítimo dizer que, o ser humano se encontra cada vez mais envolvido e dependente de uma transformação social que não se caracteriza mais como um evento, ou mera instrumentalidade, mas como um fenômeno que se expande enquanto as novas tecnologias de comunicação se multiplicam.

Especialmente importante para a formulação deste texto, foi a investigação netnográfica realizada nos principais motores de busca da internet, ela possibilitou uma escavação histórica e permitiu que se pudesse apontar e analisar algumas evidências comportamentais que autenticam a presença de tal fenômeno. Formular um mapeamento, observando uma



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:

Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial

Online — 20 e 21/06/2024

eventual inter-relação entre os usuários e as interfaces digitais, deu suporte para as reflexões que emergem das análises que oferecem uma resposta mais assertiva sobre o problema levantado. Contudo, a construção deste texto acontece especialmente a partir da necessidade de discutir as transformações sociais decorrentes deste novo ordenamento de mundo. Transformações que implicam profundas mudanças na forma como os seres humanos interagem com o universo à sua volta, um movimento que quebra uma série de paradigmas sociais e culturais. Entre eles, destaca-se a função das interfaces digitais, que ao deixarem de figurar unicamente como um componente técnico que constitui determinado aparato tecnológico, assumem, com as novas tecnologias de comunicação, o papel de mediadoras nos processos comunicativos. Tornam-se agentes autônomas, espelhos que refletem, simuladamente, uma realidade virtualizada, mas que promove profundas transformações na realidade física.

Este texto examina o papel ocupado por tais componentes neste novo modelo de relacionamento social que tem aproximado, cada vez mais, seres humanos e tecnologia. Um movimento que constitui um novo substrato social. Destaca-se ainda a crescente necessidade de visibilidade, viabilizada sobretudo pelo desenvolvimento de interfaces mais eficientes e com definições que se aproximam cada vez mais da hiper-realidade.

Vale lembrar que os reflexos sempre despertaram curiosidade e fascínio, através deles, o ser humano ancorou muito da sua história espiritual. Reflexos sempre foram considerados agentes de manifestação do duplo. Dessa forma, ao se colocar diante do espelho, o ser humano projeta nesta superfície o seu duplo, que, na forma distorcida, é aquele que o observa e imita seus gestos e movimentos invertidamente. O duplo, portanto, se manifesta como um estranho que o encara, um reflexo que não é ele, mas sua imagem virtualizada. Um estranho que não é real, mas uma projeção que existe em uma fronteira entre a realidade tangível e a



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

intangível. A manifestação do duplo é um jogo de duplicação que todos fazemos diante dos nossos reflexos. Um processo que acontece por intermédio das imagens que temos de nós, tendo sido construídas pelas apropriações e assimilações oferecidas pelo outro, idealizadas como um eu, que reencontrou o seu lugar no mundo. Mas um lugar que nasce na elaboração da selfie e na projeção para o mundo deste duplo em forma virtual.

Não se planeja operar, aqui, um mergulho nas elaborações literárias e filosóficas que se debruçam sobre o fenômeno do duplo (Doppelgänger), enquanto visão angustiante de si próprio como outro. Mas tomar um empréstimo do termo “duplo” e trazê-lo para outro campo do pensamento. Aqui se planeja elaborar um conceito que ilustre a constituição do sujeito social diante das novas interfaces de comunicação, permitindo, assim, entender a presença do reflexo enquanto principal agenciador de uma crise de visibilidade instaurada sobretudo com o advento dos novos mecanismos de comunicação. Muniz Sodré (2013) alerta sobre um dos principais aspectos da personalidade deste sujeito social que, deslumbrado consigo mesmo, fabrica o seu duplo e confia a ele toda a sua história. “O duplo do sujeito é, entretanto, invocado como forma virtual e negado como corpo presente. A partir de um ou outro aspecto de personalidade, cria-se um self espectral ou um duplo virtual que prescinde da unidade original do sujeito” (SODRÉ, 2013, p. 156).

Os reflexos disfarçam a realidade e opõem aquilo que é verdadeiro e o que é simulado, o que é real e o imaginado. Sob a alegação de que dentro deles nada existe, a não ser o próprio original, operam como agenciadores na criação de um universo simulado. Reflexos apontam a existência de outra forma de vida na imagem, responsável pela constituição de novas identidades, porém, transitórias e instantâneas.

Todo reflexo altera, de alguma forma, a maneira como o ser humano vê a realidade que o



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

cerca. Não se trata de alterações na imagem refletida nem tampouco de alguma anamorfose, mas sim das distorções semióticas e psicológicas que emergem quando o indivíduo está diante do seu reflexo. Com o advento das novas tecnologias de comunicação, existir na imagem tem sido o desejo do ser humano. Aparecer no espelho digital e transitar pelo espaço midiático, tornou este ser, provisório e instantâneo. Este movimento favorece cada vez mais o seu distanciamento com a realidade original. O resultado é a descontextualização dos espaços físicos e sua substituição por uma realidade midiaticizada e efêmera, que se potencializa pela espetacularização. “A distorção é, assim, efeito de diferença entre o mundo sensível e a reprodução espetacular, já que todo espelho é puro atopia, espaço sem lugar: reflete oticamente o lugar sensível onde estou, mas não me faz encontrar ali onde me vejo” (SODRÉ, 2013, p.155).

A partir das novas relações sociais digitalmente constituídas, o ser humano passou a viver em um espaço estranhamente semelhante ao real, mas um espaço simulado, refletido e codificado. As coisas ali dobradas, autenticam a presença incorpórea de um ser que passou a viver no seu reflexo. Dessa forma, enquanto a luz do imaterial substitui toda a representação mediada pela tecnologia, este ser, refletido e multiplicado exponencialmente, se torna um reflexo intangível, esvaziado na sua dimensão cultural. Ele agora transita nos brilhos de uma verdade codificada, criada e operada pela visão. Uma verdade digitalmente instantânea que metamorfoseia os ritmos da vida, ela não carrega mais texturas, nem tampouco odores ou sabores. Essa verdade única e absoluta, move-se inerte nas interfaces digitais. Ela, há algum tempo, já assumiu a função de salvaguardar os laços físicos que antes ligavam: os seres e as substâncias com a natureza que o cerca. Hoje, tudo se precipita em imagens, sentimentos, coisas e pessoas. Imagens multiplicadas exponencialmente no espaço digital, esvaziadas em seus reflexos.



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Cibercultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

A questão, portanto, será sempre o poder da imagem enquanto representação das coisas do mundo. Um movimento constituído por meio de um processo de simulação da realidade perceptiva que ao refletir o original, o devolve na sua forma intangível. E ao realizar tal movimento, alimenta a simulação. Portanto, os reflexos que engendram o virtual assumem outras características na atribuição de uma realidade midiática e alegórica. Uma realidade que, ao dissolver a percepção do real, altera a dimensão das aparências falseando o mundo. Este é o primeiro passo na direção de uma crise de visibilidade instaurada em nome dos reflexos, que não fazem mais referência alguma com a realidade que eles carregam.

Este texto foi erguido com base em uma teoria da imagem e do imaginário. Autores como Muniz Sodré, Norval Baitello Jr., Paul Virilio e Jean Baudrillard são fundamentalmente importantes para que a ideia de virtualização da vida e a emergência de uma realidade codificada sejam estruturadas. Justifica-se ainda a escolha do tema e sua relevância, dada a necessidade de se entender os processos comunicativos que emergem, sobretudo com o advento dos novos mecanismos de comunicação. A dependência do digital e o deslocamento do pensamento humano para as Inteligências Artificiais também são aspectos desse novo ordenamento de mundo que devem ser considerados.

Palavras-chave

Palavra-chave: espelhos; interfaces; reflexos; imagem; digital

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Era da Iconofagia** – Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2014.

BAUDRILLARD, Jean: **Simulacros e simulações**. Lisboa: Editora Relógio d'água, 1991



IV Encontro Virtual da ABCiber

Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura

Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura:
Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial
Online — 20 e 21/06/2024

KAMPER, Dietmar. Imagem In: **Cosmo, Corpo, Cultura; Enciclopédia Antropológica**. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Itália. 2001. Texto originalmente publicado pelo Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação–FiloCom, em <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/traducao7.html>

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. **Fenomenologia da percepção** / [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Tópicos)

SODRÉ, Muniz; **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Petrópolis, Rio de Janeiro – Vozes, 2013.

VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Silvere; **Guerra pura: A militarização do cotidiano**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
_____. **Estética da desapareição**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

WULF, Christoph; Homo Pictor: **Imaginação, ritual e aprendizagem mimética no mundo globalizado** / Christoph Wulf; Tradução Vinicius Spricigo. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

<https://www.insper.edu.br/noticias/mundo-se-aproxima-da-marca-de-5-bilhoes-de-usuarios-de-internet-63-da-populacao/> acessado em 27/05/2022 às 18:01H